

O DESIGN DA ILUSTRAÇÃO NO LIVRO ILUSTRADO CONTEMPORÂNEO BRASILEIRO

JORGE PAIVA

Jorge Paiva é Mestre em Design pela Universidade Anhembi Morumbi, e pesquisa o design do livro ilustrado. Formado em Design pela Universidade Mackenzie, atua como freelancer principalmente para as áreas de publicidade e moda. Há dois anos leciona no curso de Design Gráfico e de ilustração digital da Abra - Academia Brasileira de Artes.

PORTFOLIO ONLINE:

<http://jorgepaivailustrador.blogspot.com.br/>

CONTATO

jorgeapaiva@hotmail.com

Cel:(11) 83046321

APRESENTAÇÃO

O seguinte texto apresenta um estudo de caso sobre o design da ilustração de *Um outro pastoreio*, livro ilustrado de Indio San e Rodrigo D'Mart. O texto é um trecho da dissertação de mestrado intitulada: O design da ilustração no livro ilustrado contemporâneo brasileiro. A dissertação foi apresentada e aprovada pela banca examinadora em março de 2012 e em breve estará disponível na íntegra no site da Universidade Anhembi Morumbi, onde foi realizado o estudo.

O design da ilustração se refere tanto à forma materializada da ilustração quanto à organização de seus elementos visuais. O design no livro ilustrado, requer viabilizar e dar sentido ao uso de materiais, técnicas e processos de produção e reprodução da imagem ilustrativa. Neste caso, a organização dos elementos visuais da ilustração costuma se relacionar com o texto dentro do tempo narrativo e do espaço das páginas do livro. Deste modo, o design da ilustração para o livro ilustrado, estuda a estruturação dos elementos visuais e suas relações com o texto na materialidade do suporte. Tendo em vista a subjetividade das formas visuais e seus efeitos em diferentes leitores. Na pesquisa o objetivo é compreender como funcionam três elementos do design da ilustração que estão sempre presentes no livro ilustrado. São eles o tempo, o imaginário e a montagem de enunciados verbais e visuais. Com intuito de estudar cada um destes elementos foram escolhidos três livros como estudo de caso: *Ismália* (2006), *Lampião e Lancelote* (2006) e *Um outro pastoreio* (2010). Cada um destes livros destaca-se em sua essência pela exploração de um dos elementos estudados. Em *Ismália* foi estudado o tempo e ritmo do poema. Em *Lampião e Lancelote* o imaginário popular, e em *Um outro pastoreio* a montagem de elementos visuais e verbais. Segue portanto, o estudo de caso de *Um outro pastoreio*. O que apresenta-se aqui é um modo de ver o design da ilustração, que pode auxiliar leitores e produtores do livro ilustrado a obter uma melhor compreensão sobre o design da ilustração.

3.3 A MONTAGEM NO DESIGN DA ILUSTRAÇÃO

O livro ilustrado pressupõe uma organização lógica e coerente de enunciados visuais e verbais que tornam inteligíveis a narrativa. A organização e ordenação das ilustrações em um livro ilustrado pode ser chamado de montagem. Quando o leitor se depara com enunciados verbais e visuais e tenta dar sentido e sequência nas informações, pressupõe-se que ele imagine as lacunas que não aparecem no texto ou nas imagens. O espaço entre um enunciado e o próximo e como vão se montar é o que caracteriza a montagem. Podemos falar da montagem dos enunciados de uma página, da montagem dos enunciados entre as páginas, e da montagem dos enunciados entre linhas de tempo da história.

Embora possam ser encontradas relações entre o cinema e o livro ilustrado, a montagem do livro ilustrado possui suas próprias convenções. O termo montagem parece adequado por que no livro ilustrado, a configuração no espaço da página entre uma imagem e a próxima, vai além de uma organização de conteúdo, tendo a importância de criar ritmo de leitura e despertar emoções no leitor. Cada cena ou ação representada em uma imagem sugere o tempo do acontecimento. O tempo das ilustrações é sempre composto de cortes, já que é impossível para o livro ilustrado representar o fluxo de movimento contínuo como no cinema. O texto pode aparecer descrevendo, narrando ou evocando sensações. Assim o livro ilustrado possui sua própria linguagem que capacita sua leitura.

Ao visualizar uma ilustração narrativa, o leitor irá criar relações de tempo e espaço sobre o que está sendo representado. Ao deparar-se com uma sequência de ilustrações dentro de uma página dupla, o leitor irá tentar decifrar a relação de tempo entre as diferentes representações. Entre uma imagem e outra o leitor pode montar relações de casualidade e de sequencialidade. A virada de página pode ser vista como um corte ou uma transição entre uma página e outra. A montagem entre uma página e outra acontece por meio da relação que o leitor estabelece entre os enunciados verbais e visuais da página anterior e a página seguinte.

Nas páginas 65-68, por meio da análise de *Flicts*, vimos que o texto pode guiar a montagem das ilustrações, uma vez que o texto evoca as ilustrações que irão apresentar um aspecto que contribui para fruição da história. Nas páginas 69-72 analisando o livro *A Dona da festa* vimos que texto e imagem podem criar linhas temporais distintas que se relacionam para dar continuidade a narrativa. Neste caso a linha mestra que guia a narrativa e a montagem dos enunciados é o texto. Na página 47, a análise de *A rainha das cores*, nos mostra que a montagem pode ser guiada por imagens sequenciais que se utilizam do texto como recurso auxiliar e redundante para explicar as imagens. Nas páginas 119-142, ao analisar a *Ismália*, percebemos que sua montagem acontece a partir do encadeamento de imagens sequenciais e que o texto funciona como uma voz que acompanha a ilustração na narrativa. Nas páginas 143-166, pudemos perceber que a montagem de *Lampião e Lancelote* é guiada pelo texto que evoca ilustrações que expandem o conteúdo do enunciado textual. O que todos estes livros têm em comum é que são histórias relativamente curtas e lineares, com foco narrativo sempre em um ou dois personagens que estão interagindo na mesma cena. São histórias em que se apresenta uma situação de conflito que quando solucionada dá fim à narrativa. Esta parece ser a principal configuração dos roteiros dos livros ilustrados.

Um outro pastoreio (2010) tem uma configuração diferente dos demais livros ilustrados no mercado por possuir um roteiro complexo com foco narrativo que se alterna muitas vezes criando uma série de linhas temporais que se sobrepõe e interagem. Além de utilizar-se de recursos de ilustração, das histórias em quadrinhos, como os balões e as onomatopéias o texto também intercala a narrativa em prosa e em verso. Estas características deram a *Um outro pastoreio* uma montagem complexa. Esta junção de diferentes recursos textuais e ilustrativos são estudados neste capítulo.

3.3.1 AUTORES

Rodrigo Dmart nasceu em 1974, Pelotas, RS, é músico, escritor e jornalista. Indio San é Everson Nasari, e trabalha como ilustrador e designer gráfico. Juntos se engajaram na criação do livro ilustrado *Um outro pastoreio*, que possui um sistema de publicação independente e inovador. Com mais de 200 páginas com ilustrações coloridas, o livro exigia um alto investimento para custear sua impressão, o que vai além dos padrões do mercado para as editoras. Para arrecadar verba e viabilizar o livro eles criaram um sistema de cotas que foram vendidas para amigos e conhecidos. Com o livro impresso, os participantes receberam duas cópias do livro autografadas. A primeira tiragem foi de 1000 cópias.

A partir do exemplo de *Um outro pastoreio*, podemos pensar que o planejamento da quantidade de ilustrações e de páginas para um projeto gráfico, está ligada a viabilização de um produto. Portanto viabilizar custos e meios para publicação e distribuição do livro ilustrado faz parte do design da ilustração. Uma vez que entendemos o objeto livro ilustrado inserido dentro do sistema da sociedade de consumo.

3.3.2 CAPA

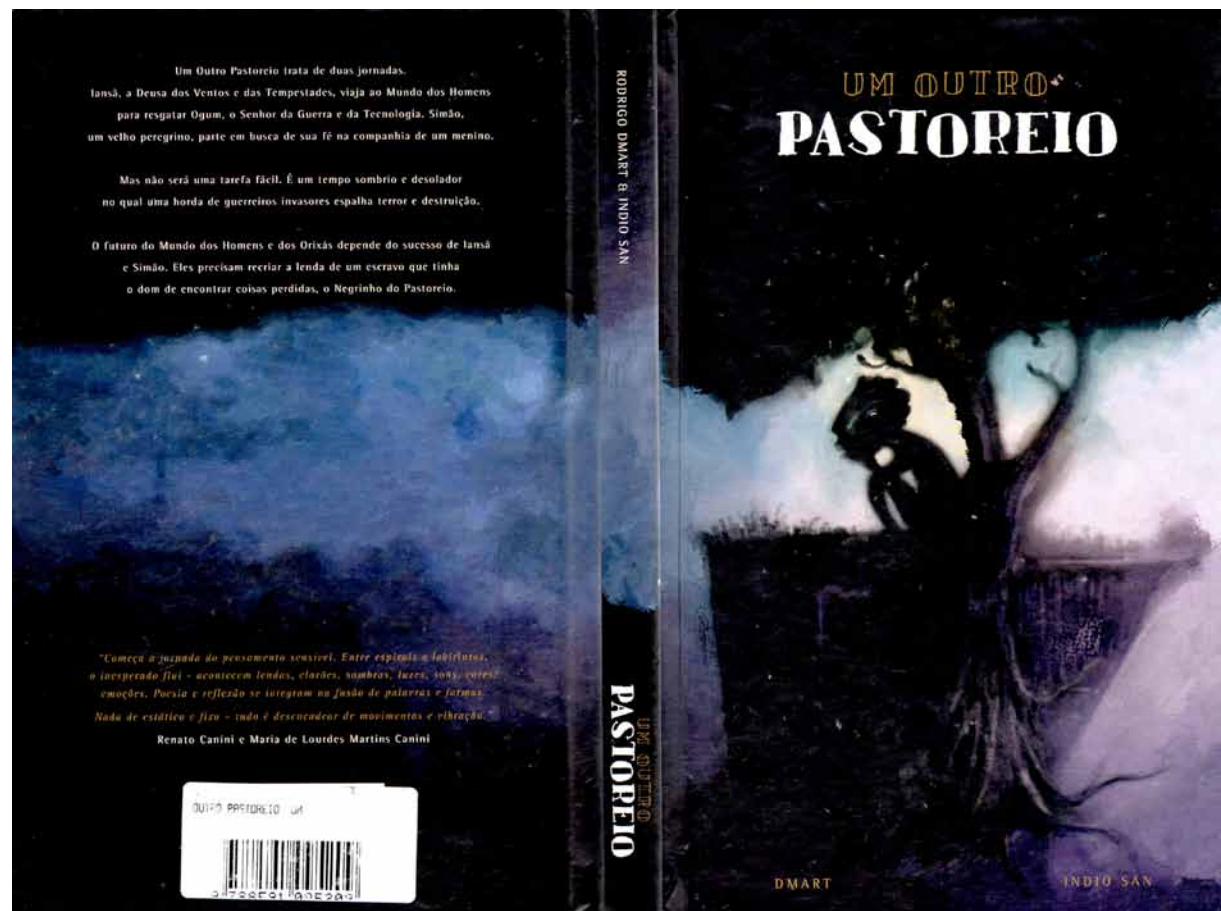


Figura 98
Um outro pastoreio
Rodrigo Dmart (escritor)
Indio San (ilustrador)
Livro ilustrado, 2010
Fonte: DMART, 2010

3.3.3 ENREDO

O livro possui capa dura no tamanho 15,5x23,5cm. O miolo possui tamanho 15x23 centímetros e é impresso em papel pólen de 80g/m² pela Pról editora gráfica. A impressão em papel pólen de baixa gramatura diminui um pouco a saturação das ilustrações. Na figura 98 (acima) podemos ver a quarta capa, lombo e capa de *Um outro pastoreio*. A capa e lombo, possuem o título e nome dos autores, e não há logotipo da editora, já que o projeto ainda não possui editora. Na quarta capa, temos a sinopse do livro, junto com um trecho da apresentação de Renato Canini e Maria de Lourdes Martins Canini.

Na ilustração da capa, figura 98 (acima), vemos o Negrinho do Pastoreio, herói e um dos protagonistas da trama. O Negrinho do Pastoreio é uma lenda do folclore brasileiro, mas precisamente do folclore gaúcho. Segundo a lenda, em um dia de chuva e frio, um Estanceiro, como são chamados os fazendeiros do sul do país, enviou em missão seu pequeno escravo de apenas 14 anos para pasturar cavalos. O menino em meio a chuva perde um dos cavalos chamado Baio. O Estanceiro, então, pega o chicote e pune o menino, e o ordena que volte e encontre o cavalo perdido. O menino encontra o cavalo, que foge de seu controle, e ao voltar a fazenda, o menino é novamente punido com o chicote e preso a um formigueiro. Após um longo período, o Estanceiro volta ao local onde deixou o menino, e para sua surpresa, o Negrinho está sem feridas, montado no cavalo Baio e ao lado dele está a Virgem Nossa Senhora. Deste dia em diante, a lenda que se conta é que todo cristão que perder algo e acender uma vela ao negrinho do pastoreio será atendido, sendo guiado a encontrar o objeto perdido. A lenda do Negrinho do Pastoreio foi adaptada e houve uma mistura com a mitologia dos orixás para compor a narrativa de *Um outro pastoreio*.

O enredo de *Um outro pastoreio*, acontece por meio de três linhas de tempo principais que se unem e se relacionam ao longo da história. Na primeira linha de tempo, temos o velho Simão que segue em viagem, procurando o túmulo do Negrinho do Pastoreio para revivê-lo, com intuito de que ele lute contra a horda para salvar o mundo dos homens. Em seu caminho, a noite, na floresta, Simão encontra um menino e começa a contar sobre a horda e a história do Negrinho do Pastoreio para o menino. Inicia-se então a segunda linha temporal da história, que acontece por meio do relato de Simão.

O velho, conta sobre a horda que é dominada pelo Estanceiro, e é movida por um monstro de metal que incorpora e engole tudo que encontra pelo caminho. Simão conta que quando a horda apareceu, o negrinho fugiu como muitas outras pessoas. Em sua fuga, o negrinho conhece uma feiticeira que reaviva sua coragem e o incentiva a voltar e lutar pela sua terra, e o presenteia com um cavalo chamado Baio. O negrinho segue então em direção à guerra contra a horda, mas é capturado e torna-se escravo do Estanceiro. Em uma tentativa de lutar contra seu senhor o negrinho é açoitado até a morte e seu corpo é jogado em um formigueiro.

Quando Simão termina de contar esta história ao menino que ele encontrou na viagem, o velho descobre que o menino é o espírito do Negrinho do Pastoreio, que o ajuda a encontrar seu túmulo. O velho então faz uma magia com o próprio sangue que trás o negrinho de volta a vida com um corpo gigantesco. O Negrinho com corpo gigantesco parte para cima do monstro de lata da horda, destruindo tudo e causando o caos.

A terceira linha temporal aparece fragmentada entre a primeira e a segunda linha, e acontece no mundo dos orixás, divindades espirituais das religiões africanas. No mundo os orixás, o Exu, mensageiro dos deuses, utiliza-se do sinal de maus presságios para anunciar uma guerra sem precedentes no mundo dos homens. A tramóia do Exu não é percebida pelas outras divindades que se desesperam e começam as discussões sobre qual será a posição dos deuses na guerra. Ogum deus da guerra não quer saber de conversa, cria um artefato que aprisiona todos os deuses

para que ele possa lutar sozinho na guerra. Iansã, deusa dos ventos e relâmpagos, é a única que descobre a armação de Ogum e não é aprisionada. Assim, Ogum desce ao mundo dos homens, e começa formar um exército. Ogum ensina os homens à forjar armas e a criar máquinas de guerra. Porém os homens traem o deus, o esquartejam e o aprisionam em uma caixa. Os homens gananciosos e com tecnologia agora formam a horda. As três linhas narrativas então se unem, entorno da horda e da caixa onde Ogum está aprisionado, que é guardada pelo Estanceiro.

Neste ponto da história, já sabemos que a feiticeira que encontrou o negrinho na verdade é Iansã, a deusa que tenta recuperar o corpo de Ogum para libertar o panteão que está aprisionado. Iansã, então aparece e invade a cidade da horda juntamente com o negrinho do pastoreio, com novo corpo gigante. Iansã recupera a caixa onde está aprisionado Ogum, e volta para o mundo dos deuses onde os Orixás são libertados, e o Exu é punido. O Estanceiro morre com um raio de Iansã, e o negrinho e o velho Simão recuperam a paz no mundo dos homens.

Para ilustrar um enredo tão complexo e rico, encontramos no livro uma linha visual que mistura fotografia, foto manipulação e a pintura digital. A fotografia tem como suporte um fenômeno químico ou eletromagnético. Quando digitalizada pode ser manipulada por um software como o photoshop. Na foto manipulação, podem ser realizados

ajustes de cores, contraste, saturação, efeitos de desfoque, texturização, brilho, iluminação, mescla de fotografias diferentes e até a inserção de elementos de pintura digital como os pinceis. A pintura digital é uma técnica de pintura onde a produção de imagens derivada do uso de ferramentas digitais com a utilização de softwares como o painter e o photoshop. Neste processo, é comum a utilização da ferramenta pincel que simula na tela do computador o efeito gerado pelos pinceis reais.

Nas figuras 99 e 100 (abaixo), os pinceis funcionam como elementos que interagem com a fotografia para completar a figuração dos bonecos e criar a figuração do cenário. Neste caso podemos dizer que os pinceis são elementos de uma foto manipulação. Já nas figuras 101 e 102 (abaixo), os pinceis são elemento principal para na criação da figuração dos personagens, caracterizando assim uma pintura digital. Os pinceis como elemento presentes tanto nas imagens produzidas por meio da técnica da foto manipulação quanto nas imagens produzidas por meio da técnica da pintura digital, ajudam a manter a unidade no design nas ilustrações. Como vemos nas figuras 100, 101 e 102 (abaixo), a pintura digital de *Um outro pastoreio*, é bem livre, sem se preocupar em captar todos os detalhes que vemos no mundo visível. A pintura por meio dos pinceis dos softwares digitais, neste caso, apenas nos sugere a essência dos objetos, buscando

insinuar a sensação e a qualidade dos objetos que figuram, como a textura, a maciez e o peso. Em algumas áreas a pintura é tão gestual e espontânea que cria uma semelhança com elementos da arte abstrata, ou seja que não possuem o intuito de criar figuração.

O registro fotográfico como elemento do design das ilustrações de *Um outro pastoreio*, funciona como constatação da existência de um objeto que esteve de frente do olhar da câmera. A fotografia portanto, mantém uma conexão com um objeto do mundo visível, como o que vemos e percebemos com os sentidos, e convencionalmente pode ser chamado de 'mundo real'. O conceito de real pode atingir valores subjetivos, dependendo da crença religiosa, da cultura e da época. Aqui consideremos 'mundo real', o que percebemos com os cinco sentidos, e por meio da leitura dos fenômenos criamos modelos para subjetivar um mundo estável e o chamamos de realidade. A fotografia dos bonecos que aparecem na figura 99 (abaixo), possui um caráter de imagem religiosa, de divindade, de santidade. Assim os bonecos são objetos do 'mundo real' com ligação com o mundo mítico. O mundo mítico é criado a partir de um discurso, de uma fala, repleta de simbolismos, e sugestões de fenômenos, que podem dependendo do ponto de vista extrapolar o sentido do 'real'. A fotografia do boneco que representa a deusa Iansã, é portanto um registro de um objeto do 'mundo real' que mantém uma conexão com

o mundo dos mitos. Os bonecos dentro da narrativa, são personagens que atuam dentro do que foi imaginado pelos autores da história, que para ser compreendida será intersubjetivada pelos leitores. Assim o design da ilustração de *Um outro pastoreio* mostra um universo imaginário que mantém ligações com o mítico e com o real. Estas características sugerem um mundo imaginário que beira o mundo real, e aproxima o leitor da narrativa.

Comparando a figura 99 e a 100 (abaixo) podemos ver que o grau de interferência entre a pintura digital e a fotografia pode variar. Enquanto em alguns momentos a fotografia é mais presente, em outros a pintura domina e deixa a fotografia como detalhe da composição. E em muitas vezes, a fotografia desaparece e a pintura digital domina no design da ilustração como podemos ver na figura 101. Esta alternância entre o registro do 'real' e a pintura digital que cria sombras do imaginário, pode ser vista como uma expressão do que o ilustrador quer valorizar em determinados momentos da narrativa. Por exemplo, onde há maior presença da fotografia, pode ser visto como intenção de reforçar a conexão entre o real e o mítico, e onde a presença da pintura é maior, pode ser lida como intenção de valorizar o aspecto mítico e imaginário da personagem.

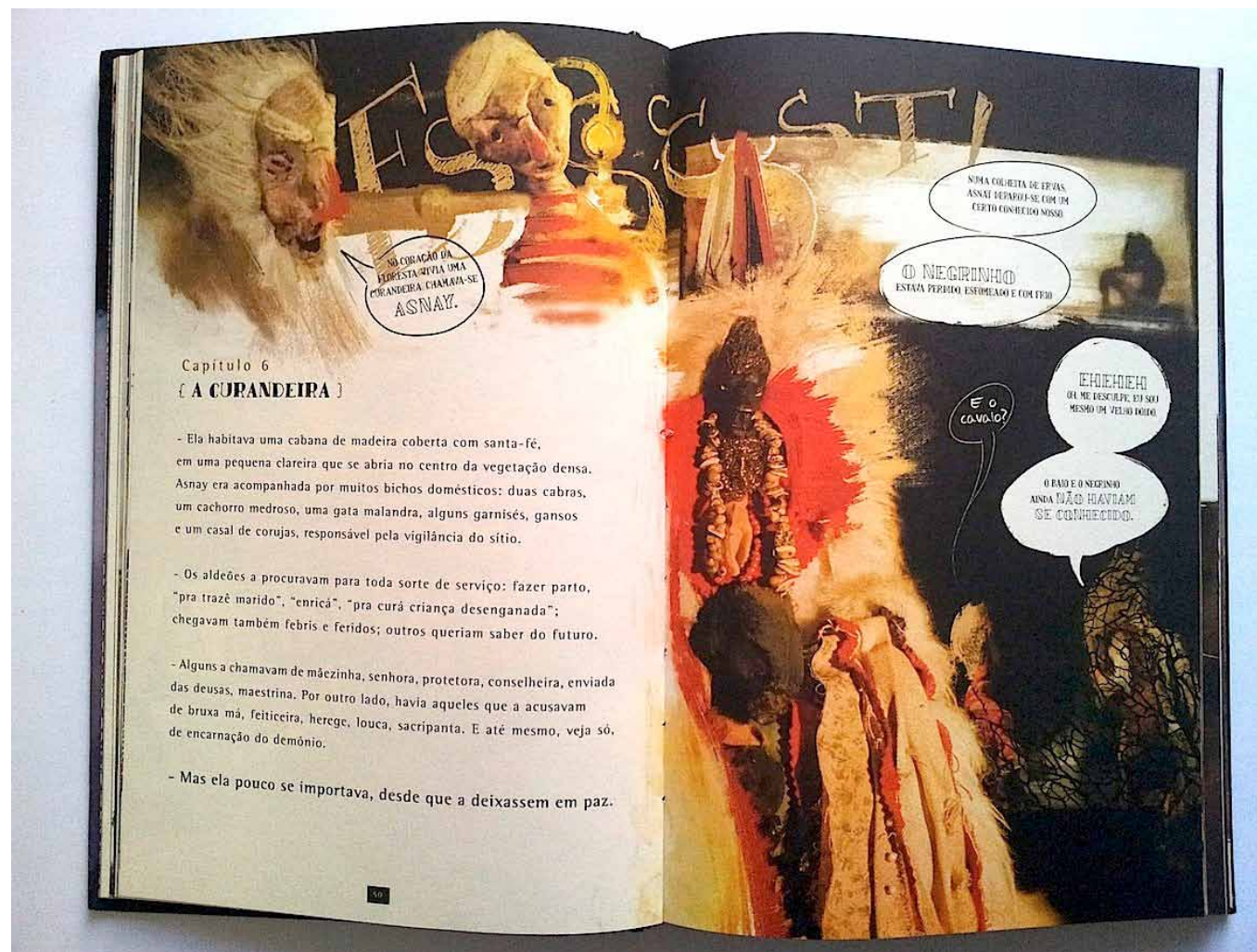


Figura 99
Um outro pastoreio
Rodrigo Dmart (escritor)
Indio San (ilustrador)
Livro ilustrado, 2010
Fonte: DMART, 2010

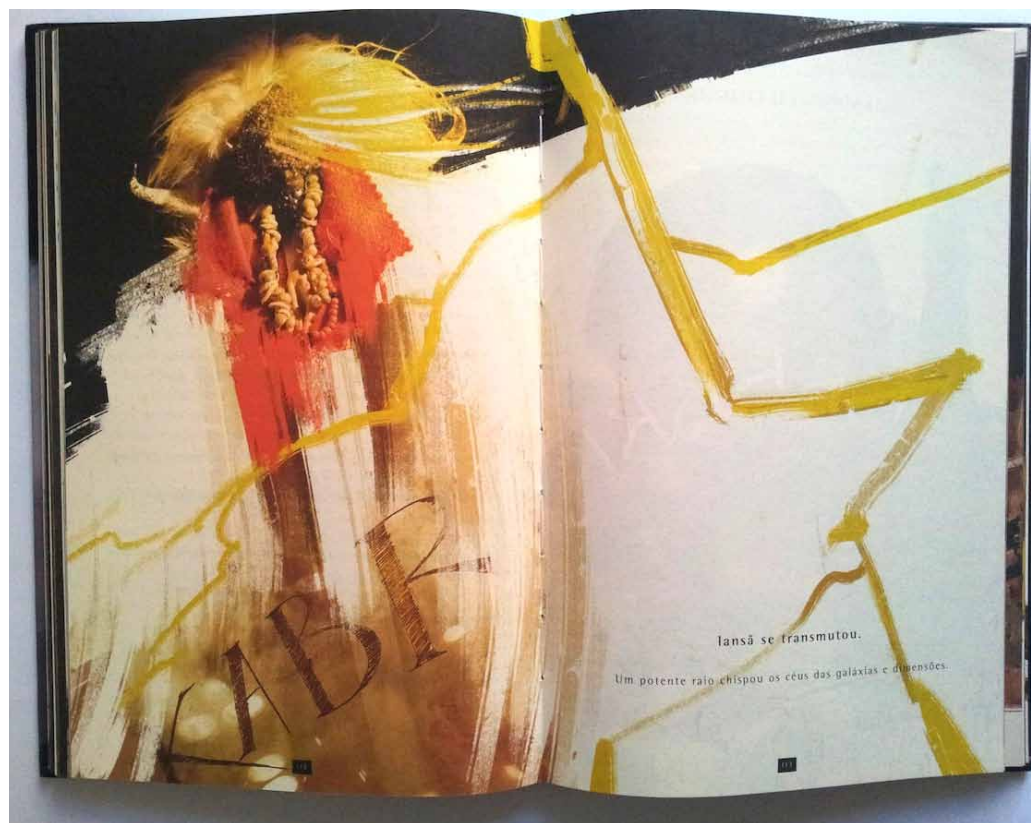


Figura 100
Um outro pastoreio
Rodrigo Dmart (escritor)
Indio San (ilustrador)
Livro ilustrado, 2010
Fonte: DMART, 2010



Figura 101
Um outro pastoreio
Rodrigo Dmart (escritor)
Indio San (ilustrador)
Livro ilustrado, 2010
Fonte: DMART, 2010

Em *Um outro pastoreio*, a forma de representar os personagens muitas vezes se altera ao longo da história em busca da expressão da ação que os personagens desenvolvem. Na figura 99 no final da página da direita, em primeiro plano em frente a lansã, está o Negrinho do pastoreio, representado por meio da fotografia do boneco. Este tipo de representação que mantém uma conexão com o real faz sentido neste momento da narrativa, uma vez que as imagens ilustram a história que está sendo contada por Simão, e em sua visão lansã e o Negrinho são entidades do 'mundo real'. Na figura 102 (ao lado), temos uma sequência de imagens onde o Negrinho do Pastoreio é representado por meio da pintura digital. Neste caso a narrativa mostra o primeiro ataque do Negrinho contra a Horda, ataque que irá falhar. Portanto sua representação realizada pela pintura digital, sem conexão com o real, faz maior sentido. Isto porque podemos entender que os autores quiseram destacar a fragilidade humana do Negrinho, ao invés do boneco que carrega o simbolismo de entidade cósmica, ou de imagem religiosa. Na figura 103 (abaixo), temos uma outra forma de representação do Negrinho. Ressuscitado por Simão, o Negrinho adquire maiores poderes e se torna imbatível ganhando uma aureola típica dos santos. O seu corpo é representado por riscos, que pode ser visto como uma metáfora visual que busca romper com os limites da materialidade do corpo físico do Negrinho, empregando ao personagem o aspecto espiritual e etéreo. Portanto, a linha visual de *Um outro pastoreio*, pode criar um labirinto de significados ocultos a serem desvendados ou questionados pelo leitor que busque relações entre os recursos utilizados na representação dos personagens em cada momento da história.



Figura 102
Um outro pastoreio
Rodrigo Dmart (escritor)
Indio San (ilustrador)
Livro ilustrado, 2010
Fonte: DMART, 2010



Figura 103
Um outro pastoreio
Rodrigo Dmart (escritor)
Indio San (ilustrador)
Livro ilustrado, 2010
Fonte: DMART, 2010

3.3.4 A MONTAGEM

Na figura 104 (ao lado), temos a página dupla que inicia a história. Na página da esquerda há uma ilustração ornamental narrativa, que também foi utilizada na guarda do livro. A imagem mostra uma textura composta por cabeças de formiga de frente e de lado, que podem ser vistas como uma metáfora visual que aponta para as formigas da lenda do Negrinho do Pastoreio. Na página da direita, temos um texto que narra a conversa de dois meninos em que um pressiona o outro para contar uma história, enquanto uma trilha de formigas passa por perto. A ilustração evoca as formigas, o texto as transforma em personagens da história.

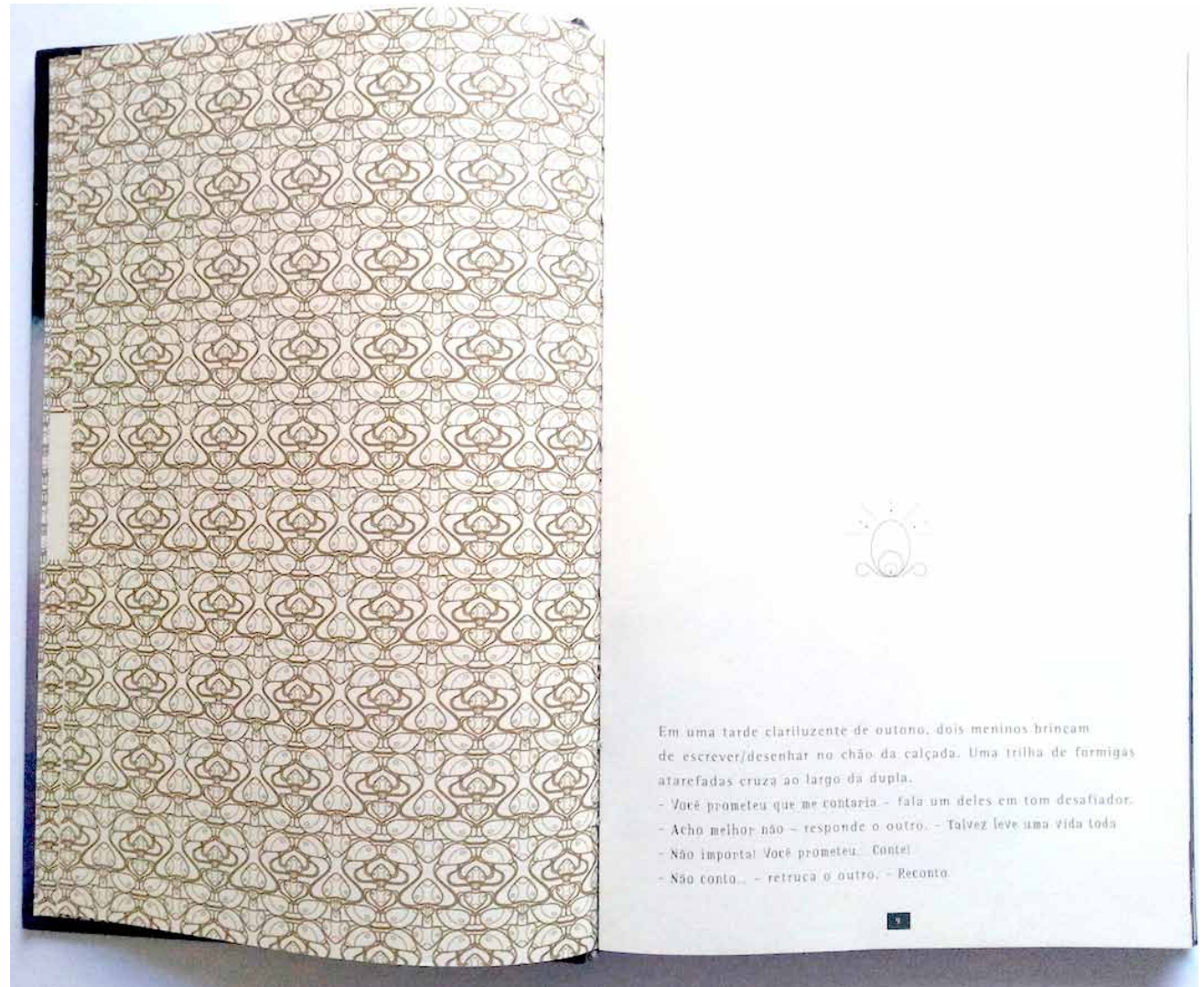


Figura 104
Um outro pastoreio
Rodrigo Dmart (escritor)
Indio San (ilustrador)
Livro ilustrado, 2010
Fonte: DMART, 2010

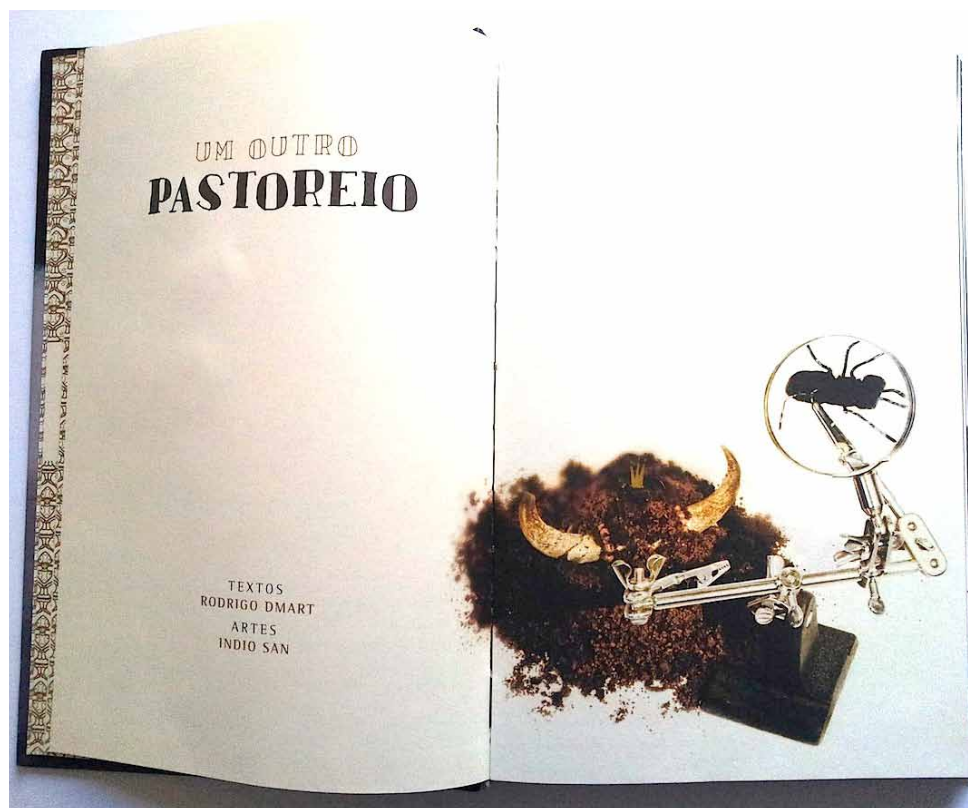


Figura 105
Um outro pastoreio
Rodrigo Dmart (escritor)
Indio San (ilustrador)
Livro ilustrado, 2010
Fonte: DMART, 2010



Figura 106
Um outro pastoreio
Rodrigo Dmart (escritor)
Indio San (ilustrador)
Livro ilustrado, 2010
Fonte: DMART, 2010

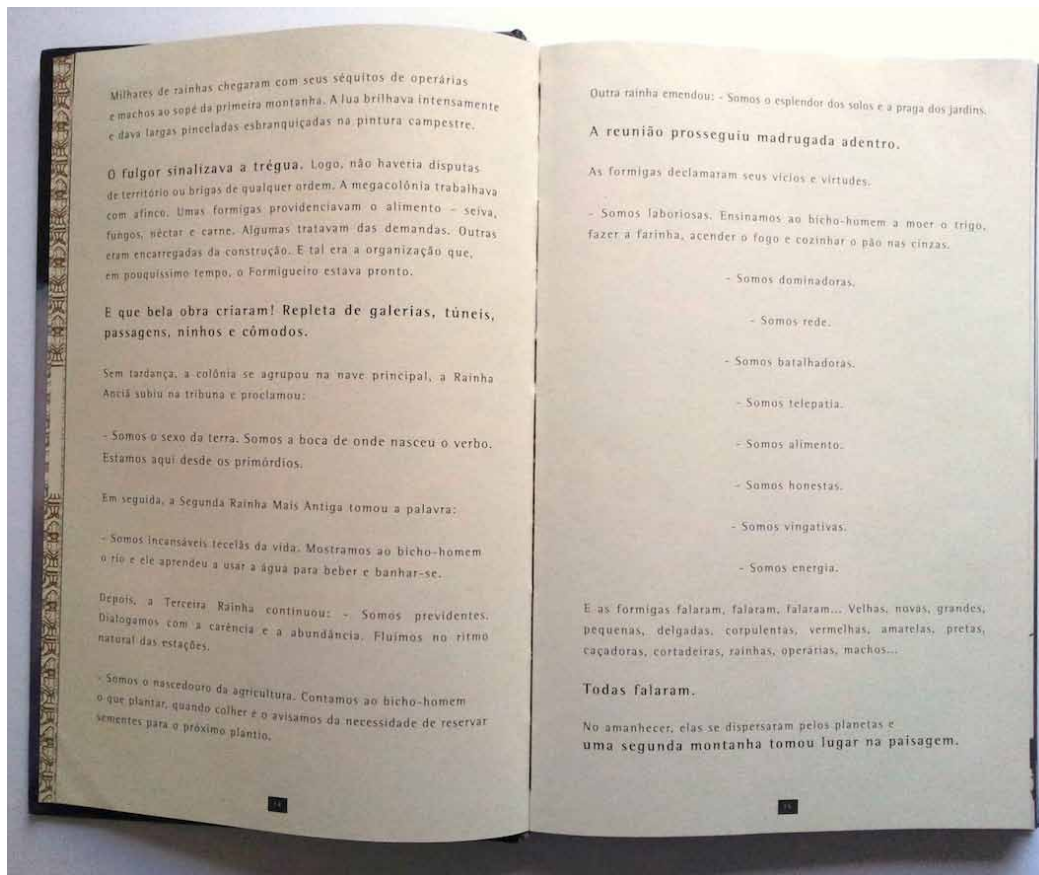


Figura 107
Um outro pastoreio
Rodrigo Dmart (escritor)
Indio San (ilustrador)
Livro ilustrado, 2010
Fonte: DMART, 2010

Na página seguinte na figura 105 (acima), temos uma segunda página de rosto, que apresenta o título e o nome dos autores do livro, além de uma vinheta, que mostra um chifre enterrado na terra com uma formiga sobre o solo. Ao lermos o livro iremos entender que o chifre é parte do disfarce de búfalo da orixá Iansã, que é enterrado no túmulo do Negrinho do Pastoreio. A formiga, parte da lenda, aparece com a coroa de rainha sobre o túmulo, e na mesma ilustração, aparece outra formiga presa a um suporte de metal onde sugere estar presa para uma análise científica. Podemos ver a ilustração como uma espécie de questionamento sobre o significando, o simbolismo, e as convenções que damos aos seres da natureza, o que pode variar do mágico ao científico. Na figura 106 (acima), há a primeira abertura de capítulo, onde aparece o título e a ilustração que mostra uma reunião de formigas rainhas que preenche toda a página dupla. Adiante, como podemos ver na figura 107 (ao lado), temos uma página dupla sem ilustração, onde a história segue apenas por meio do texto. O texto mostra de forma poética a conversa das formigas que são representadas como forças da natureza que simbolizam o trabalho e a servidão. A montagem entre estas quatro primeiras páginas da história, figura 104, 105, 106, e 107, iniciam um pensamento complexo. Enquanto na figura 104 a narrativa acontece por meio do texto, na figura 105 a imagem abre um questionamento sobre a natureza das formigas. Na figura 106 a imagem apresenta as formigas como personagens, e na figura 107 o texto narra o diálogo das formigas. Portanto, entre estas quatro páginas, não há uma montagem linear, mas há a montagem de uma narrativa fragmentada tanto pelo texto quanto pela imagem. A ligação entre os enunciados, acontece principalmente pelas formigas que são o assunto, e pela sequência de páginas presas pelo suporte. Estas quatro páginas, abrem e encerram a introdução e o primeiro capítulo. A primeira sequência narrativa entre as muitas que irão acontecer dentro do livro dividido em vinte capítulos. Uma característica marcada em todo o livro é o uso da página dupla. Em cada dupla, há a abertura e encerramento de um enunciado verbal ou visual. O encadeamento entre os enunciados de cada dupla é o que permite a sequencialidade narrativa entre as páginas.

Na figura 108 (ao lado) vemos a abertura do segundo capítulo do livro. A dupla mostra uma sequência de duas imagens do velho Simão andando nas sombras. Uma área em branco é reservada na página para receber o texto, recurso que será utilizado muitas vezes durante o livro. A relação de texto e imagem é colaborativa, embora texto e imagem falem sobre a caminhada do velho, cada um busca expressar sensações diferentes. Na primeira imagem, da página da esquerda, podemos ter a sensação de escuridão que quase engole o personagem. A preponderância das sombras no espaço da página tornam o personagem pequeno diante da imensidão das sombras. Na página da direita, o velho corcunda demonstra cansaço por meio de sua postura corporal. O texto evoca sensações semelhantes as da imagens, ao dizer que o velho caminha “pisando o orvalho de uma noite desencantada” (DMART, 2010, p.17). Este texto é a última frase da página e portanto é o que promove a ligação com a página seguinte, que pode ser visualizada na figura 109 (abaixo). Temos na página da direita outra imagem de Simão andando de perfil, onde texto do pensamento de Simão está circunscrito na imagem. No texto temos a seguinte frase: “são tempos fúnebres” (DMART, 2010, p18). Como a imagem é preponderante no espaço, podemos dizer que a montagem entre esta página e a anterior acontece por meio de uma relação de texto e imagem, embora também haja sequencialidade entre o texto da página anterior como texto da fala de Simão. Na página da direita da figura 109 (abaixo) temos o texto descritivo sobre a jornada de Simão e sobre sua situação física e psicológica. Há portanto nas duas páginas uma inversão sobre a dominância do texto e da imagem na narrativa, recurso que acontece muitas vezes ao longo de todo o livro.

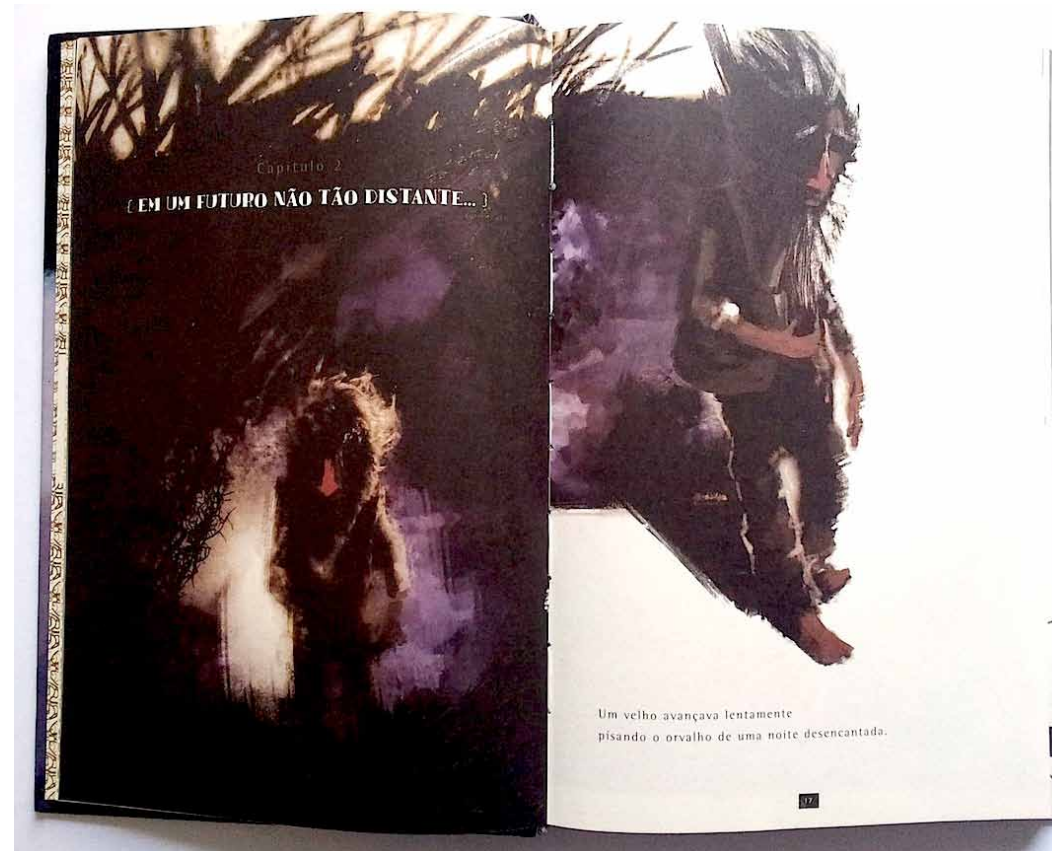


Figura 108
Um outro pastoreio
Rodrigo Dmart (escritor)
Indio San (ilustrador)
Livro ilustrado, 2010
Fonte: DMART, 2010

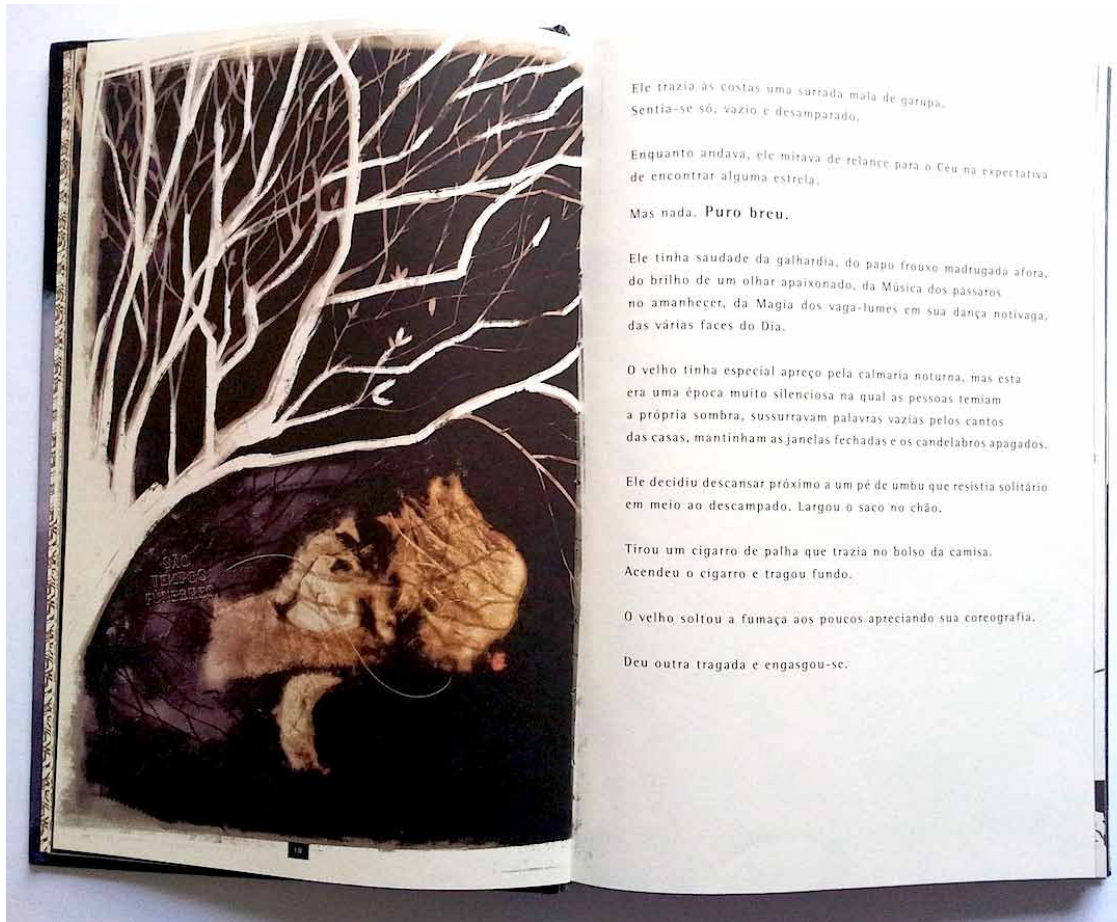


Figura 109
Um outro pastoreio
Rodrigo Dmart (escritor)
Indio San (ilustrador)
Livro ilustrado, 2010
Fonte: DMART, 2010

Na figura 110 (abaixo), vemos um novo modelo de composição de página, que assemelha-se muito as histórias em quadrinhos americanas. Na página da esquerda, temos um close do velho fumando, e uma série de balões. Os balões não apontam para cabeça do personagem, e possuem um contorno cheio de ruído, o que pode ser interpretado como a voz áspera do velho. O fundo preto do balão rompido pelo branco da tipografia, pode ser lido como o silêncio da noite rompido pelos resmungos do velho. A tipografia sempre em caixa alta, pode ser lida como uma ênfase na fala do velho enfezado. Na página da direita, temos três quadros que dividem uma imagem do velho olhando para cima, além do espaço em branco da página reservado para as descrições do narrador. A presença dos balões continua, mas agora há a presença de linhas que apontam dos balões para a cabeça dos personagem, deixando claro que o personagem esta falando em voz alta. As onomatopéias, figuras de linguagem que reproduzem um som com uma palavra, estão presentes em toda a página dupla, sobrepondo-se a ilustração e interferindo com os textos, outra característica recorrente em *Um outro pastoreio*.

Pela sequência das páginas das figuras 108, 109 e 110, podemos notar que a cada página dupla, cria-se um recurso diferente para dar seguimento a narrativa. Hora temos o texto dominante na narrativa, hora temos a imagem, e hora temos diálogos formados pela relação entre texto e imagem inspirada na convenção das histórias em quadrinhos. A montagem entre uma dupla e a próxima muitas vezes não acontece por meio de uma relação simples entre texto e imagem, mas de relações que sobrepõe texto e imagem, como vimos na montagem entre as figuras 108 e 109. Ao alternar entre tantos recursos, os autores criaram um ritmo visual único, onde a cada virada de página o leitor se surpreende, por que se torna imprevisível saber onde estará localizado a ilustração ou o texto. Isto faz com que o leitor explore visualmente o espaço da página buscando dar sentido e organização a toda informação.



Figura 110
Um outro pastoreio
Rodrigo Dmart (escritor)
Indio San (ilustrador)
Livro ilustrado, 2010
Fonte: DMART, 2010

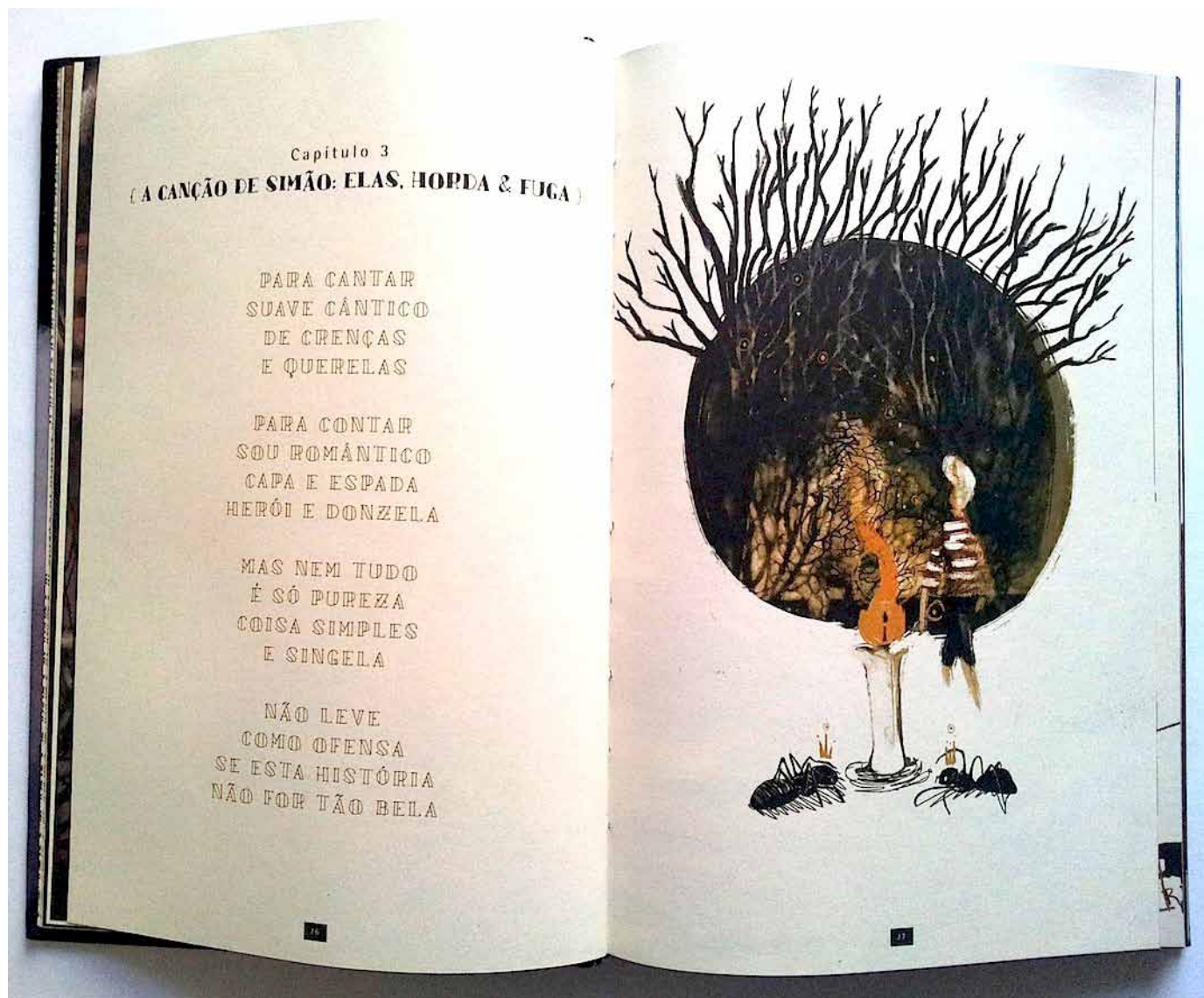


Figura 111

Um outro pastoreio

Rodrigo Dmart (escritor)

Indio San (ilustrador)

Livro ilustrado, 2010

Fonte: DMART, 2010.



Figura 112
Um outro pastoreio
Rodrigo Dmart (escritor)
Indio San (ilustrador)
Livro ilustrado, 2010
Fonte: DMART, 2010.

Na figura 111 (acima) na página da esquerda há uma narrativa que segue uma estrutura de poesia, dividida em estrofes e versos. A poesia é a voz de Simão que conta a história do Negrinho do Pastoreio para o menino que ele encontrou na floresta. Na página da direita, temos a ilustração da floresta isolada pelo limiar do círculo. O menino caminha em direção a floresta, e em primeiro plano temos a vela e as formigas, símbolos da lenda do Negrinho do Pastoreio. O recurso do círculo fechando a composição da cena enquanto o menino caminha na direção do círculo, pode ser visto como um momento em que o menino está se distanciando da realidade para dar espaço a imaginação estimulada pela história contada pelo velho Simão. Ao virarmos a página, vemos a figura 112 (acima), onde o velho Simão segura nas mãos uma das formigas, e no fundo da página vemos a cidade da horda. O fundo da página é o cenário da narrativa de Simão e não o cenário onde ele está. Vemos na ilustração o que Simão imagina e recorda. No canto da página, há a reserva de uma área em branco para aplicação do texto. Podemos notar então que a montagem entre a ilustração da figura 111 com a ilustração da figura 112, acontece por associação dos acontecimentos narrativos. Enquanto um dos personagens narra uma história por meio do texto, as ilustrações buscam sugerir a imaginação e a sensação do narrador e do outro personagem que escuta a narrativa. Há portanto, disjunções entre o tempo do texto e da imagem. Enquanto o texto refere-se ao tempo da história que o velho Simão está contando, a ilustração mistura o tempo das narrativas de Simão com o tempo das ações de Simão e do menino. Assim para compreendermos as ilustrações precisamos relacionar as informações do texto e da imagem e formar um conjunto. Deste modo, a busca por informações entre o texto e a imagem se torna um processo ativo e exploratório.



Figura 113
Um outro pastoreio
Rodrigo Dmart (escritor)
Indio San (ilustrador)
Livro ilustrado, 2010
Fonte: DMART, 2010.

Nas figuras 113 (ao lado) e 114 (abaixo), vemos duas páginas que mostram o momento em que o Estanceiro dá uma surra no Negrinho. Tanto na figura 113 quanto na figura 114, a ilustração guia a narrativa e a montagem acontece por meio de imagens seqüenciais que mostram o Estanceiro agredindo o Negrinho. O ângulo e ponto de vista do observador se alteram a cada imagem, oferecendo um ritmo atordoante à narrativa. O texto dos diálogos do Estanceiro são agressões verbais direcionadas ao Negrinho. No espaço em preto na página, o texto ao invés de narrar, tem a função de ampliar a sensação da cena. O texto da figura 113 diz: “O coração é frio/ a alma é pedra/ o umbigo é o mundo o outro é ninguém” (DMART, 2010, p.130). E o texto da figura 114 diz: “Coisa ruim manda avisar/ o castigo não tarda chegar / O umbigo é o mundo / o outro é ninguém” (DMART, 2010, p.131). Como o texto é mais poético do que descritivo e mais evocativo de emoções do que narrativo, aliado ao ritmo empregado pela repetição de versos, o texto parece uma trilha sonora que acompanha a imagem, aumentando o impacto das ações apresentadas pela ilustração.



Figura 114
Um outro pastoreio
Rodrigo Dmart (escritor)
Indio San (ilustrador)
Livro ilustrado, 2010
Fonte: DMART, 2010.

Convencionalmente no sentido ocidental, lemos primeiro a página ímpar da esquerda para direita, e depois partimos para página par, recomeçando o processo. Um outro Pastoreio tenta criar singularidades dentro deste padrão ao trabalhar com diferentes composições de leitura bem complexas. Na figura 115 (ao lado) podemos ver um exemplo em que a leitura acontece por meio da união da página ímpar com a par, da esquerda para direita. Ou seja, lemos a página da direita e a da esquerda juntas, sem quebra, como podemos ver na marcação da figura 116 (ao lado).



Figura 115
Um outro pastoreio
Rodrigo Dmart (escritor)
Indio San (ilustrador)
Livro ilustrado, 2010
Fonte: DMART, 2010.

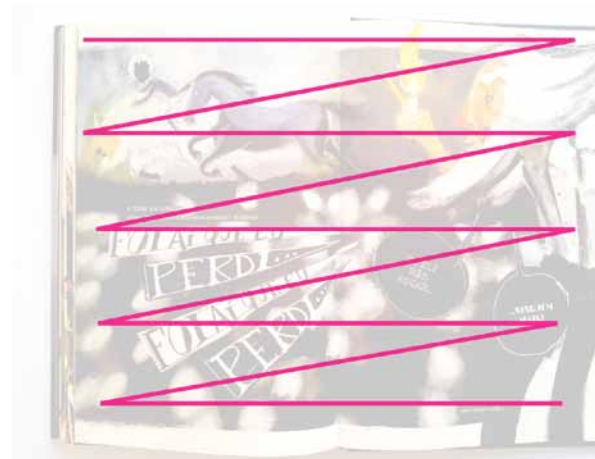


Figura 116
Um outro pastoreio
Rodrigo Dmart (escritor)
Indio San (ilustrador)
Marcação com vetor sobre
Livro ilustrado, 2010
Fonte: DMART, 2010.



Figura 117
Um outro pastoreio
Rodrigo Dmart (escritor)
Indio San (ilustrador)
Livro ilustrado, 2010
Fonte: DMART, 2010.

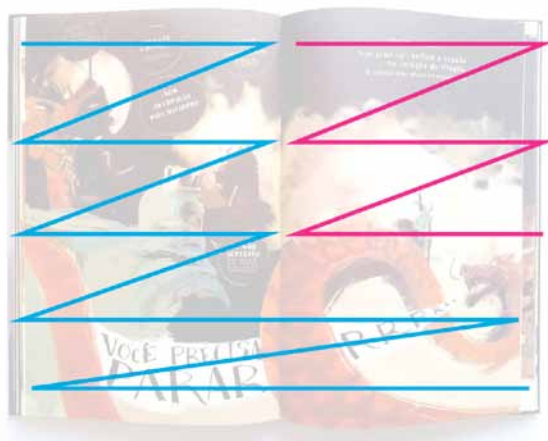


Figura 118
Um outro pastoreio
Rodrigo Dmart (escritor)
Indio San (ilustrador)
Marcação com vetor sobre
Livro ilustrado, 2010.
Fonte: DMART, 2010.

Na figura 117 (acima), a marcação da linha azul na figura 118 (acima) mostra a sequência de leitura da fala dos personagens. Após esta sequência partimos instintivamente para o topo da próxima página, onde há um texto descritivo sobre a cena, que segue o sentido de leitura como marcado em magenta na figura 118. Entre a leitura no espaço da marcação da linha azul e no espaço da marcação da linha magenta, há uma quebra de tempo narrativo. Enquanto na primeira linha temos um diálogo guiado por texto e imagem, na segunda linha temos um texto descritivo e uma ilustração que apresenta uma ação. Esta quebra, pode ser lida como uma tensão narrativa, já que a imagem apresenta o golpe de Ogum no coração do dragão, enquanto o texto descreve a mesma ação adicionando o tom dramático. Portanto, a sequência de leitura das páginas de *Um outro pastoreio*, utiliza-se de diversos recursos na página dupla, para empregar diferentes ritmos na montagem sequencial.

A alternância entre os recursos de montagem faz com que a cada virada de página, o leitor seja obrigado a compreender o sistema de leitura que está em vigor. No caso de uma página que só possui texto sabemos que devemos seguir a linearidade da palavra. Nas páginas semelhantes as histórias em quadrinhos, sabemos que precisamos seguir a sequência dos quadros. E nas páginas com configuração mais comum ao livro ilustrado, sabemos que precisamos relacionar o enunciado verbal ao enunciado ilustrativo para chegar a uma compreensão do todo. Assim o leitor é obrigado a percorrer o espaço da página buscando a chave que o guia a encontrar as convenções de leitura de cada página.

Os capítulos de *Um outro Pastoreio*, funcionam como pontos de transição na montagem das diferentes linhas temporais que a narrativa desenvolve. A cada capítulo o foco narrativo do personagem pode ser alterado levando o leitor para uma outra cena, para uma nova linha temporal dentro

da história. Portanto podemos perceber que os dois recursos que caracterizam a montagem no design da ilustração, são o uso da página dupla e dos capítulos. O primeiro para fazer a montagem de enunciados verbais e ilustrativos, e o segundo para fazer a montagem das linhas temporais da história.

Assim, a montagem da página de *Um outro pastoreio* bem como a montagem da sequência de páginas, se utiliza da combinação de diferentes níveis de interação entre texto e imagem. A cada página há um conjunto de enunciados a ser decifrado pelo leitor, que deve investigar o espaço da página para compreender a narrativa. A combinação e a montagem de tantos enunciados que fragmentam ou dão sequencialidade a narrativa, criam uma cadeia labiríntica onde o leitor navega tentando recompor as partes da narrativa. Instigar o leitor a buscar o detalhe parece ser a principal característica da montagem de *Um outro pastoreio*.